

Algumas contribuições de Robert E. Park para o campo da comunicação

Paula Guimarães Simões¹

A proposta deste texto foi construída a partir de um curso sobre a Escola de Chicago ministrado na pós-graduação em Comunicação Social da UFMG, no qual um dos autores discutidos foi Robert Ezra Park.² O jornalista e sociólogo vem sendo retomado, atualmente, por pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento, com a recuperação da própria perspectiva de Chicago. Mas o que é mais saliente nos estudos que o resgatam são as suas discussões em torno da cidade e do jornal. Pouco foi dito, aqui no Brasil, sobre o conceito de comunicação que perpassa sua obra – o que procuramos discutir no presente artigo.

Dessa forma, o texto está dividido em duas partes. Na primeira, retomo brevemente a trajetória de Robert E. Park, evidenciando seus principais interesses de pesquisa (que estão diretamente relacionados com a sua história pessoal). Na segunda, procuro destacar a compreensão de

1 Doutora em Comunicação Social e docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 A disciplina “Pragmatismo e Escola de Chicago: contribuições para a comunicação” foi ministrada pelos/as professores/as André Melo Mendes, Luciana de Oliveira, Paula Simões e Vera França, no primeiro semestre de 2014.

comunicação que pode ser apreendida de suas reflexões acerca da cidade, das relações interculturais e da inserção do jornal e da notícia no contexto urbano. Para concluir, procuro apontar de que maneira a visão de comunicação proposta por Park pode ser acionada nas pesquisas em nosso campo.

ROBERT E. PARK: UMA BREVE TRAJETÓRIA

Robert Ezra Park (1864-1944) é um dos grandes expoentes da Escola de Chicago. Ele cursa filosofia na Universidade de Michigan (1883-1887), onde tem a oportunidade de estudar com o pragmatista John Dewey, que muito o influenciou ao longo da carreira.³ Depois de se formar, em 1887, e antes de se inserir na vida acadêmica, ele trabalha como jornalista em diferentes cidades americanas, tais como Denver e Nova Iorque. Em sua atividade jornalística, Park já exibía alguns dos interesses que irão conformar posteriormente sua trajetória como sociólogo, como relata a pesquisadora Maria Rosa Berganza Conde:

Como repórter local escreveu com frequência artigos em profundidade, que formaram séries sobre diferentes aspectos da sociedade. Descreveu a corrupção, as condições de vida miseráveis dos bairros de imigrantes e também o ambiente criminoso que escondiam. Park buscava constantemente novas notícias e histórias representativas sobre temas urbanos e assim che-

3 O pragmatismo é uma perspectiva filosófica que tenta compreender as condições em que se cria o pensamento, sendo que as ideias são vistas como surgindo da ação. Essa filosofia da ação é iniciada por Charles Peirce, nos EUA, no fim do século XIX, e seguida por outros pensadores, como William James, John Dewey e George Herbert Mead. O pragmatismo pode ser considerado o alicerce teórico central da Escola de Chicago e está muito presente no pensamento de Park. Para algumas reflexões acerca do pragmatismo, cf: Pogrebinski, 2005; Joas, 1999; Mendonça, 2013.

gou a perceber a cidade como um lugar privilegiado que lhe servia de laboratório natural para o estudo do novo homem urbano que a sociedade industrial havia criado (Conde, 2000, p. 21).

Depois de uma década construindo sua experiência como jornalista, Robert E. Park realiza o mestrado em filosofia em Harvard (concluído em 1899) e, em seguida, vai para a Alemanha fazer o doutorado (que conclui em 1903). Ele estuda em três universidades alemãs (de Berlim, Strasburgo e Heidelberg). Nessa última, ele acompanha cursos de Georg Simmel, outra influência importante em sua trajetória.⁴ De volta aos EUA, leciona filosofia em Harvard, onde conhece outro pragmatista que influenciará suas reflexões – William James.

Entre 1905 e 1914, Park trabalha como assessor de imprensa da Associação para a Reforma do Congo, em defesa dos negros africanos, e do projeto Tuskegee, coordenado pelo reformador negro Booker T. Washington e com o objetivo de promover a educação profissional da população negra do Alabama. Como destaca Maria Rosa B. Conde, tais experiências ofereceram a Park a “oportunidade para estudar o tema das raças e das relações raciais. Esse conhecimento seria aproveitado posteriormente em suas obras sobre o tema e no desenvolvimento de noções como, por exemplo, de ‘homem marginal’”. (Conde, 2008, p. 23).

Em um congresso sobre a situação dos negros nos EUA, em 1914, o pesquisador é convidado por William

4 Em sua *Nota autobiográfica*, Park afirma que foram os cursos de Simmel, em Berlim, que lhe ofereceram sua verdadeira formação em sociologia (Park, 2008, p. 34).

Thomas para integrar o corpo docente do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, onde permanece até 1933. Aposentado, ele se torna professor da Universidade de Fisk, em 1936. No fim da década de 1930, ele vem ao Brasil para supervisionar o trabalho de doutorado de Donald Pierson sobre as relações entre brancos e negros na Bahia e, durante certo tempo, faz de Salvador o seu “laboratório social”.⁵

Como professor e pesquisador em Chicago, Park participará de inúmeros estudos para compreender a dinâmica que constrói a vida na cidade, a partir das diferentes relações entre grupos e da inserção dos imigrantes. Entende que o sociólogo deve ser um tipo de super repórter, pois ele “deve registrar o que realmente está acontecendo e não apenas o que parece estar” (Park, 1950, p. ix apud Conde, 2008, p. 19).

A CIDADE, A SOCIEDADE E A DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA COMUNICAÇÃO

Em sua trajetória como esse *super repórter*, assim, alguns temas de interesse se destacam. Para Conde, três grandes interesses de pesquisa podem ser destacados: 1) o estudo da cidade (a sociologia urbana); 2) as relações raciais, interculturais e a integração da população imigrante; 3) a comunicação, a opinião pública e a imprensa. Gostaria de abordar esses interesses de pesquisa aqui, ainda que brevemente, partindo das ideias centrais de Park sobre a cidade, no intuito de perceber de que maneira a comunicação emerge em suas reflexões.

5 A viagem de Park ao Brasil e sua experiência com a miscigenação na Bahia são apresentadas no texto de Lícia do Prado Valladares (2010).

Um dos textos mais conhecidos de Park no Brasil é *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, originalmente publicado em 1916 e traduzido para o português em 1973 na coletânea *O Fenômeno Urbano*, organizada por Otávio Guilherme Velho. Esse texto traz algumas ideias centrais de Park para pensar a vida na cidade de Chicago e nas grandes metrópoles do início do século XX.

A cidade é algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linhas de bonde, telefones etc.; algo mais também do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes, a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana (Park, 1979, p. 26).

A cidade é, assim, esse *estado de espírito* que se constitui a partir desses *processos vitais* das pessoas que nela vivem. Ou seja, são os sujeitos que a constroem não apenas em sua dimensão física (essa constelação de instituições e dispositivos administrativos), mas em sua dimensão mais imaterial (seu corpo de costumes e tradições).⁶ São

6 Park retoma a noção de ecologia, inventada em 1859 por Ernest Haeckel, para refletir sobre as relações do organismo com o ambiente. Assim, ele

essas duas dimensões que conformam a cultura de uma sociedade, na perspectiva de Park.

Esse estado de espírito que é a cidade é construído a partir da ação de diferentes grupos que nela convivem, configurando-a como “um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram”, retomando outra passagem do autor (Park, 1979, p. 62). Na cidade, sobretudo, nas grandes cidades, diferentes raças e culturas se manifestam e se constroem, e, “a partir das interações sutis e vívidas de que têm sido os centros, surgem as novas variedades e os novos tipos sociais” (Park, 1979, p. 61-62) A cidade é, assim, vista como constituída a partir da mistura, do entrelaçamento de indivíduos e grupos com interesses e mundos diferentes. Dada essa complexidade da cidade, ela pode ser vista, segundo Park, “num sentido bem real um laboratório para a investigação do comportamento coletivo” (Park, 1979, p. 45).

Nesse laboratório que era Chicago, a preocupação de Park se voltou muito para a inserção dos negros e dos imigrantes na sociedade norte-americana, levando-o a cunhar o conceito de “homem marginal”, esse sujeito “que vive em dois mundos, mas que em nenhum deles se sente à vontade” (Park, 1971, p. 73).⁷ Esse sujeito é fruto do conflito

propõe nomear de Ecologia Humana a “ciência que procura [...] descrever as constelações típicas de pessoas e instituições produzidas pela operação conjunta de tais forças” (Park, 1978, p. 27). O autor fala em dois níveis na organização humana que devem ser abordados por essa ciência: a) o nível biótico ou subsocial, que é a expressão dessa rede de vida que “liga as criaturas vivas do mundo todo num *nexus vital*”; b) e o nível social/cultural, que, na perspectiva do autor, é o nível “assumido pela comunicação e pelo consenso (ordem moral), cuja função é regular a competição, permitindo aos indivíduos, desse modo, partilhar uma experiência, vincular-se à sociedade.” (Mattelart; Matelart, 1999, p. 32).

7 Nas reflexões de Park sobre o homem marginal, percebemos a influência de

intercultural, do enfrentamento entre culturas que constitui a personalidade desse indivíduo marginal. Para Park, o *homem marginal* é tanto o “imigrante de segunda geração, que sofre plenamente os efeitos da desorganização do grupo familiar, a delinquência juvenil, a criminalidade, o divórcio”, quanto os trabalhadores negros dos estados do Sul dos EUA, que viviam à margem da cultura branca (Coulon, 1995, p. 58). Assim, como explica Alain Coulon,

o homem marginal não é apenas o que pertence a uma cultura diferente, em geral situada, segundo Park, a meio caminho entre a cultura tribal primitiva e a cultura mais moderna e sofisticada da vida urbana atual. Em todos os casos, o homem marginal é sempre um migrante (Coulon, 1995, p. 58).

Vale destacar aqui a visão otimista da imigração e da assimilação dos estrangeiros na perspectiva de Park. A mestiçagem é vista por ele como “um enriquecimento”, como destaca Coulon (1995, p. 59). Ainda que haja uma visão harmônica da sociedade – fruto da influência positivista que marcou o contexto intelectual da primeira metade do século XX –, o conflito é visto como marcante na organização da vida na cidade.

Bem, não cabe continuar desenvolvendo aqui as minúcias do pensamento de Park sobre a cidade e sobre as

Georg Simmel e sua discussão sobre o estrangeiro. Para Simmel, “o estrangeiro se instala na comunidade, mas fica à margem. Não apreende seus mecanismos íntimos e permanece de certo modo exterior ao grupo social, o que lhe confere, involuntariamente, uma maior objetividade, ‘que não implica o distanciamento ou o desinteresse, mas resulta antes da combinação específica da proximidade e da distância, da atenção e da indiferença’” (Coulon, 1995, p. 55). “Na grande cidade moderna, dizia Simmel, cada um torna-se estrangeiro no interior de sua própria sociedade, um ‘vagabundo em potencial’, um homem sem raízes” (Coulon, 1995, p. 56).

relações que nela se efetivam. Nossa proposta é perceber como a comunicação é vista a partir dessa reflexão. Para tanto, gostaria de retomar o conceito de comunicação que Park apresenta em um outro texto, menos conhecido no Brasil, intitulado *Reflections on communication and culture*, originalmente publicado em 1938. Ele afirma:

A comunicação é um processo ou forma de interação que é interpessoal, isto é, é social no sentido mais estreito do termo. O processo só pode dizer completo a partir do momento em que resulta em alguma espécie de compreensão. Em outras palavras, a comunicação jamais acontece meramente numa situação de estímulo e resposta, no sentido em que essas palavras são usadas na psicologia. Ela é antes expressão, interpretação e resposta (Park, 1971, p. 64, grifos nossos).

Nessa noção apresentada pelo autor, destaca-se a ideia de interação como constituidora da comunicação. Esta se realiza a partir da expressão, da interpretação, da compreensão e da resposta realizadas pelos sujeitos que se engajam em um processo comunicativo. Evidencia-se, ainda, a dimensão social da comunicação, o que pode ser percebido em outras passagens do mesmo texto, quando ele afirma que a comunicação “é o processo social típico” (Park, 1971, p. 60), é “um princípio integrador e socializador” (Park, 1971, p. 63). Nesse sentido, evidencia-se, em Park, a dimensão da comunicação como constituidora da vida em sociedade através das inúmeras interações que se estabelecem através dela.

Dessa forma, retomando a discussão esboçada anteriormente sobre a cidade e as relações entre sujeitos, raças e culturas, podemos dizer que é a comunicação o elemento instituidor dessas relações e, portanto, da própria vida

na cidade. Se esta pode ser entendida como uma “rede de vida” (Park, 1936), tal como Park formula, podemos dizer que são os processos comunicativos que tecem essa rede e constituem a cidade, a cultura e a sociedade.⁸

Ao olhar para a cidade e entendendo a comunicação dessa maneira, Park atenta muito para o lugar ocupado pelo jornal e pela imprensa – evidenciando seu duplo papel na sociedade, como jornalista e como sociólogo ou superreporter.⁹ No texto sobre a cidade citado anteriormente, ele afirma que “o jornal é o grande meio de comunicação dentro da cidade, e é na base da informação fornecida por ele que se baseia a opinião pública. A primeira função que um jornal preenche é a que anteriormente o falatório desempenhava na aldeia” (Park, 1979, p. 61). Park destaca aqui o papel das notícias ao promover e estimular o debate, que impulsiona a construção da opinião pública – o que também pode ser percebido em outro texto dele, quando afirma:

8 Essa dimensão constitutiva da comunicação também pode ser encontrada em Dewey, que muito influenciou a obra de Park. “Em *Introduction to the Science of sociology* (1921), Park inicia as suas considerações sobre a comunicação com um dos parágrafos que preferia na obra de Dewey, concretamente em *Democracy and education* (1916), diz: ‘A sociedade continua existindo não apenas por meio da transmissão e da comunicação, mas se deve dizer que existe justamente na transmissão, na comunicação. Existe algo mais do que um vínculo verbal entre as palavras comum, comunidade e comunicação’” (Conde, 2008, p. 31-32).

9 Os trabalhos de Park sobre o jornal e a imprensa são os mais conhecidos e mais citados nas pesquisas realizadas no campo da comunicação no Brasil. Vale destacar aqui o volume 2 da coletânea organizada por Berger e Marocco intitulada *A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa*, publicada em 2008. A coletânea traz três textos do autor (A história natural do jornal, Notícia e poder da imprensa e A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento), com uma introdução escrita por Maria Rosa Berganza Conde.

A primeira reação típica do indivíduo a uma notícia será, provavelmente, o desejo de repeti-la a alguém. Isto gera a conversação, desperta novos comentários, talvez uma discussão. Mas o que há nesse fato de singular é que, iniciada a discussão, o acontecimento discutido deixa de ser notícia e, sendo diferentes as interpretações de um acontecimento, as discussões se transferem do plano da notícia para o dos problemas que ele suscita. O choque de opinião e pareceres, que a discussão invariavelmente evoca, termina, via de regra, numa espécie qualquer de consenso ou opinião coletiva - que nós denominamos opinião pública. É na interpretação dos acontecimentos presentes, ou seja, da notícia, que se funda a opinião pública (Park, 1970, p. 176).

Os jornais são vistos, assim, como fontes de assuntos que tematizam as conversações sociais, promovendo a configuração da opinião pública e, a partir do *choque de opiniões e pareceres*, o esclarecimento dos sujeitos e um melhor desenvolvimento da própria sociedade. É nesse sentido que Park pode ser visto como um precursor de discussões contemporâneas em torno do papel dos debates na construção da democracia – assim como um de seus inspiradores naquele momento, o pragmatista John Dewey.¹⁰

10 Joas destaca a influência de Dewey nas pesquisas de Park: “Da filosofia de Dewey, Park extraiu, em particular, a ênfase na democracia como ordem social e na comunicação pública como pré-requisito para a democracia” (Joas, 1999, p. 152). Além disso, o pesquisador destaca o interesse maior de Park pela “realidade empírica dos processos de formação da opinião pública e da dinâmica dos processos de discussão que frequentemente conduzem a resultados não-consensuais. Sua paixão por relatos originais e sua dedicação aos negros da América era alimentada por uma sede insaciável de experiências que extrapolavam os rígidos limites culturais e morais do acanhado meio protestante americano” (Joas, 1999, p. 152). Tanto Dewey quanto Park podem ser vistos como precursores de discussões contemporâneas acerca dos processos de deliberação pública como constituidores da democracia. Cf. Bohman,

Ao enfatizar o debate como instrumento central na construção da opinião pública, uma vez mais, Park salienta o papel da comunicação na constituição da própria sociedade. As notícias suscitam discussões e cumprem o papel de orientar a vida dos sujeitos. Dessa maneira, elas participam não apenas da construção da opinião pública, como destacado acima, mas da própria construção da realidade social, na medida em que os comentários gerados por elas atuam na constituição das subjetividades e das intersubjetividades.

PARA CONCLUIR: PARK E AS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

De que maneira essas contribuições de Robert E. Park para pensar a comunicação podem inspirar e orientar as pesquisas em nosso campo? Certamente, suas reflexões sobre a mistura que constitui a vida na cidade (esse mosaico de pequenos mundos) contribuem para refletir sobre a constituição da vida urbana atualmente. Além disso, a abordagem parkiana ajuda a pensar nas diferenças e nos conflitos que marcam as relações entre os grupos e que são constitutivos da contemporaneidade. Ainda que haja uma visão de assimilação ou aculturação do imigrante, o conflito é visto por Park como um momento constituidor da vida cidadina. No contexto em que vivemos, em que a intolerância e o desrespeito à diferença se manifestam com muita força, a retomada de autores que atentam para os conflitos sociais pode ser muito profícua para as pesquisas de inúmeros fenômenos comunicativos.

Além disso, a reflexão de Park sobre a imprensa pode ajudar a refletir sobre o papel do debate público na construção da democracia. Nesse sentido, destacamos o lugar central que o autor atribui à comunicação: o de constituição das interações sociais que edificam a própria sociedade. Os sentidos produzidos nessas interações constroem a vida social, participando da constituição tanto dos sujeitos quanto da vida coletiva instaurada e atualizada por eles.

Mas o que significa entender a comunicação como constituidora da sociedade? Para tentar responder a essa questão e concluir este texto, tomo um exemplo da minha pesquisa em andamento que procura analisar a morte de figuras públicas e o modo como ela afeta a vida das pessoas.¹¹

Em 13 de novembro de 2014, soubemos da morte de Manoel de Barros, aos 97 anos. A notícia circulou em inúmeros veículos, suscitou comentários e *posts* nas redes sociais em homenagem ao poeta que fazia “peraltagens com as palavras” (Barros, 1999, p. 22). Podemos dizer que havia uma imagem de Manoel de Barros antes de sua morte, que não estava dada e foi construída ao longo de sua trajetória de vida, a partir de seus poemas, de seus posicionamentos, de suas relações com fãs, familiares, amigos/as, ou seja, a partir das inúmeras interações das quais participou (direta e indiretamente). Essa imagem foi lembrada, atualizada e eternizada de muitas maneiras nos muitos sentidos que foram construídos acerca de Manoel de Barros naqueles dias – em um movimento coordenado pela comunicação em inúmeros processos.

11 A pesquisa *Da morte à biografia: acontecimentos, celebrações e vida social* (2013-2015) tem o apoio do CNPq, da FAPEMIG e da PRPq/UFMG.

Eis aqui o papel instituidor da comunicação: são as interações comunicativas que tanto reconstróem a narrativa biográfica de uma figura como Manoel de Barros, quanto a projetam de diferentes maneiras na cena pública, convocando os sujeitos a se posicionarem em relação à sua morte. Eis aqui a dimensão interacional e constitutiva assumida pelos fenômenos comunicativos para a qual Robert Park chama a atenção e que nos ajuda a refletir sobre a morte do poeta que, parafraseando alguns de seus versos, encheu “os vazios com as suas peraltagens”, fazendo com que muitos o amassem por seus “despropósitos” (Barros, 1999, p. 31).

Referências

BARROS, Manoel. **Exercícios de ser criança**. São Paulo: Salamandra, 1999.

BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**: Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008.

BOHMAN, J. **Deliberation**: pluralism, complexity and democracy. Cambridge: MIT, 1996.

BOHMAN, J. **Democracy across borders**: from Dêmos to Dêmoi. Cambridge: The MIT Press, 2007.

CONDE, Maria Rosa Berganza. **Comunicación, opinión pública y prensa em La sociología de Robert E. Park**. Madrid: CIS, 2000.

CONDE, Maria Rosa Berganza. A contribuição de Robert E. Park, o jornalista que se converteu em sociólogo, à teoria da informação. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era**

glacial do jornalismo: Teorias sociais da imprensa. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 15- 32.

COULON, Alain. **A Escola da Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.

DRYZEK, J. S. **Deliberative Democracy and Beyond:** liberals, critics, contestations. New York: Oxford University Press, 2000.

DRYZEK, J. S. **Deliberative Global Politics:** Discourse and democracy in a divided world. Cambridge: Polity Press, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e Democracia:** entre a facticidade e a validade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

HABERMAS, Jürgen. Political Communication in Media Society: Does Democracy Still Enjoy an Epistemic Dimension? The Impact of Normative Theory on Empirical Research. **Communication Theory**, v. 16, n. 4, p. 411-426, 2006.

JOAS, Hans. Interacionismo simbólico. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Ed. Unesp, p. 127-174, 1999.

MAIA, Rousiley C. M. (Org.). **Mídia e Deliberação**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

MATTELART, Armand. MATTELART, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Teorias críticas e pragmatismo: a contribuição de G. H. Mead para as renovações da Escola de Frankfurt. **Lua Nova**, p. 367-403, 2013a.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Teoria Crítica e democracia deli-

berativa: diálogos instáveis. **Opinião Pública**, v. 19, p. 49-64, 2013b.

PARK, Robert E. Human Ecology. **The American Journal of Sociology**, p. 1-15, jul. 1936.

PARK, Robert E. An autobiographical note. In: **Race and Culture**. Glencoe III: Free Press, 1950.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento. In: STEINBERG, Charles S. (Org.) **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 168-185.

PARK, Robert E. Comunicação. In: PARK, Robert E.; SAPIR, Edward. **Comunicação, linguagem, cultura**. São Paulo: ECA/USP, 1971, p. 55-76.

PARK, Robert E. Reflections on Communication and Culture. **The American Journal of Sociology**, 1971.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. 4. ed. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 26-67.

PARK, Robert E. Note autobiographique: an autobiographical note. In: MUHLMANN, Géraldine; PLENEL, Edwy. (Orgs.) **Le journaliste et le sociologue: Robert E. Park**. Paris: Éditions du Seuil, 2008, p. 33-38.

POGREBINSCHI, T. **Pragmatismo: teoria social e política**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

VALLADARES, Lícia do Prado. A visita do Robert Park ao Brasil, o “homem marginal” e a Bahia como laboratório. **Cad. CRH**, v. 23, n. 58, p. 35-49, 2010.

